

## Introdução

Cauby Dantas

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

DANTAS,C. Introdução. In: *Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2015. Substractum collection, pp. 13-26. ISBN 978-85-7879-329-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## INTRODUÇÃO

Este é um texto sobre amizade e amigos, tanto pela temática que aborda, como pela história de sua publicação. E isso pede uma explicação, em reconhecimento àqueles amigos que nele acreditaram, instando-me a publicá-lo, a tirá-lo da clausura travestida de dissertação de mestrado – a sua origem – defendida em dezembro de 2005.

Eis o livro, versão modificada, expurgada de alguns vícios de linguagem ditados pelo jargão acadêmico – muitas vezes pedante e vazio – do trabalho apresentado ao então Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Federal de Campina Grande. A sua transformação em livro deve-se, sobretudo, à teimosia da professora Elizabeth Christina de Andrade Lima que por razões ainda impenetráveis ao meu escasso escrutínio – a não ser aquelas ditadas ou movidas pela amizade e carinho que nos une desde os tempos da nossa graduação ou, ainda, pelo fato de ter sido minha orientadora durante o mestrado, o que a torna, além de cúmplice, coautora – conseguiu enxergar nele qualidades e méritos que o credenciariam ao prelo, como diriam os mais antigos.

Como se trata de mulher decidida, não ficou apenas nas palavras e intenções. Insistente, e sabendo-me refratário à ideia da publicação, resolveu, sem prévia comunicação, submeter os originais à apreciação e avaliação do Conselho Editorial da Editora da Universidade Estadual da Paraíba. Só fiquei sabendo deste “sequestro” editorial ao receber, com surpresa, um documento assinado pelo diretor da EDUEPB, professor Cidival Moraes, informando-me, “com satisfação”, que o livro recebera a aprovação do Conselho, sendo “recomendado para publicação por esta editora”.

E foi assim que comecei a virar autor, com direito a nome impresso em capa. E foi assim, ainda, que a extensa fortuna crítica em torno de Gilberto Freyre e José Lins do Rego ganhou mais um livro.

Este trabalho tem, no entanto, uma origem mais antiga, remontando aos bancos escolares do Colégio Moderno 11 de Outubro – com direito a paixões e desilusões amorosas afogadas em álcool, músicas de Roberto Carlos e na leitura de romances – como também, em momento posterior, por reavaliações críticas em torno dos significados e valores da obra de Gilberto Freyre, conforme passo a relatar.

No princípio, o preconceito. Naqueles tempos – anos oitenta do século passado – Gilberto Freyre era uma péssima companhia para a análise sociológica. Pelo menos assim falavam alguns dos nossos professores do curso de Ciências Sociais do Centro de Humanidades da então Universidade Federal da Paraíba, em Campina Grande. O autor de *Casa-grande & senzala* era acusado, dentre outros crimes, de haver construído certo “mito da democracia racial” brasileira, que contribuía para a desmobilização das nossas populações negras, condenando-as, assim, a permanecerem ocupando as modernas senzalas e os espaços marginalizados – favelas, subemprego, analfabetismo – de uma sociedade que se modernizara, mas esquecera de romper com suas raízes rurais, dentre elas, o autoritarismo político de suas elites e oligarquias que, em tudo, fazia reviver os antigos senhores das casas-grandes coloniais<sup>1</sup>. Isso era o bastante para a demonização

---

1 A temática da persistência das “raízes rurais” tem sido recorrente na moderna reflexão sociológica brasileira. Os exemplos a seguir surpreendem essa recorrência em momentos distintos: “No Brasil, onde imperou, desde tempos remotos, o tipo primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização – que não resulta unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera de influência das cidades – ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos ainda hoje” (HOLANDA, 1989: 105).

“Se vamos à essência da nossa formação, veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde, ouro e diamante; depois algodão, e em seguida café, para o comércio europeu. Nada mais que isto. (...) Este início, cujo caráter manter-se-á dominante através dos séculos da formação brasileira, gravar-se-á profunda e totalmente nas feições e na vida do país. Particularmente na sua estrutura econômica. E prolongar-se-á até nossos dias, em que apenas começamos a livrar-nos deste longo passado colonial” (PRADO JR., 1984: 23).

“Quando a riqueza se modernizou ao longo do século XIX e, sobretudo, nas décadas finais daquele século, não se modernizou por ações e medidas que revolucionassem

do tal “mestre de Apipucos”. Como o preconceito anda acompanhado da ignorância, o fato de que – com as exceções de sempre – ninguém verdadeiramente lera nem mesmo a sua obra mais famosa, acima mencionada, não importava muito.

Encontrando-se as coisas neste nível de intolerância ante o desconhecido, eis que chega o segundo semestre do ano letivo de 1988 e, com ele, o curso de *Antropologia do Brasil*, sob a responsabilidade da professora Maristela Oliveira de Andrade. Seria apenas mais uma disciplina dentre tantas postas no caminho da nossa formação. A sua ementa apresentava, no entanto, uma novidade: a presença de textos daquele autor sobre o qual reverberavam anátemas de várias espécies.

O primeiro daqueles textos, o *prefácio à 1ª edição de Casa-grande & senzala*, (FREYRE, 1997), já em sua frase inicial – “Em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio” – sinalizava coisas novas. Aquele me pareceu um estranho começo para uma obra que, segundo comentários ouvidos aqui e ali, propunha-se empreender a reconstituição dos séculos fundantes da sociedade brasileira.

Pareceu-me “subjetivo” demais.

Esse prefácio é, em verdade, uma longa exposição do plano geral da obra. O autor esclarece aos leitores que, em seu exílio, estivera (sempre pesquisando) na Bahia, em Portugal, depois na África, Universidade de Stanford, Nova Iorque, Novo México... um verdadeiro périplo.

Lentamente, a leitura vai avançando. E começam a aparecer alguns temas e personagens que desfilarão pelas quase seiscentas páginas por desbravar naquela expedição pioneira: Franz Boas, raça e cultura, miscigenação, índios, jesuítas, pentelhos de virgens d’antanho, traficantes, padres, cronistas, senhores de engenho, sexo, comidas, região, nobreza senhorial, roupas, clima, escravos domésticos, negros, terra, mata, rio, ecologia, família patriarcal, violência, afeto, assombrações do outro

---

o relacionamento entre a riqueza e o poder, como acontecera na história da burguesia dos países mais representativos do desenvolvimento capitalista. Ao contrário, na sociedade brasileira, a modernização se dá no marco da tradição, o progresso ocorre no marco da ordem. Portanto, as transformações sociais e políticas são lentas, não se baseiam em acentuadas e súbitas rupturas sociais, culturais, econômicas e institucionais. O novo surge sempre como um desdobramento do velho” (MARTINS, 1994: 30).

mundo, religião, trabalho, cana-de-açúcar, casas-grandes com suas senzalas. Uma plêiade de personagens que, em algumas de suas expressões, não pareciam dignos da seriedade exigida pela reflexão sociológica.

Em outras palavras, já nesse primeiro contato, revelar-se-iam ao noviço todo o encanto e poder de sedução característicos do texto de Gilberto Freyre. Os olhos, ávidos e com a ânsia dos prelúdios, quase saltaram em cima de um trecho que parecia expressar uma postura metodológica voltada para a construção de uma sociologia da intimidade. Mas isso só bem depois iria ficar claro. Naquele momento, me chamou a atenção, além da plasticidade do texto, a sensibilidade do autor para com a importância do elemento subjetivo na análise dos processos históricos, que provocara aquele estranhamento acima confessado:

Nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro; a nossa continuidade social. No estudo da sua história íntima despreza-se tudo o que a história política e militar nos oferece de empolgante por uma quase rotina de vida: mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo. Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o “tempo perdido”. Outro meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos (FREYRE, 1997, p.lxv).

Como no verso de Manuel Bandeira, “foi o meu primeiro alumbramento”.<sup>2</sup> Aquele pequeno trecho, depois tantas vezes relido,

---

2 O verso citado faz parte do poema *Evocação do Recife*, escrito em 1925, a pedido de Gilberto Freyre, para constar do *Livro do Nordeste*, por ocasião das comemorações do centenário do *Diário de Pernambuco*. O trecho é o seguinte: “[...] Um dia eu vi uma moça

estava a me dizer que, assim como os eventos de grande impacto, a vida cinzenta e sem graça do cotidiano era digna, sim, da abordagem sociológica. Começava ali a estilhaçar-se o preconceito, substituído, a partir de então, pelo salutar exercício da leitura sistemática da obra de Gilberto Freyre.

A vivência com os textos de José Lins do Rego começara bem antes. Sendo este autor um dos mais conhecidos representantes da ficção regionalista nordestina – com Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e outros – estivera sempre presente nas aulas de literatura e nos trabalhos escolares do nosso Ensino Médio. Principalmente com a sua obra maior, o romance *Fogo morto*, de 1943. Ademais, seus livros eram sempre bem-vindos porque proporcionavam uma leitura espontânea, envolvente, prazerosa. E este é, a meu ver, um grande mérito. Muitos colegas se iniciaram no mundo dos livros sorvendo as narrativas aparentemente fáceis do escritor de Pilar. À oralidade dos seus romances, acrescenta-se o fato de que abordavam um universo que nos parecia muito próximo, em termos espaciais e culturais: o mundo dos engenhos da várzea do Rio Paraíba.

Dá a sensação de familiaridade que senti, e que sobreviveu ao término da leitura, ao ler as primeiras páginas do livro *Nordeste*, de Gilberto Freyre. Aquela abordagem impressionista das relações entre a cultura da cana-de-açúcar e o ecossistema regional em muito se assemelhava – pela temática, pela presença do cotidiano dos engenhos, pelo tom informal – aos romances de José Lins do Rego. Definitivamente, esses textos sugeriam que havia uma conexão entre o romancista e o sociólogo. Começava a nascer, assim, a ideia do presente estudo.

A reflexão aqui apresentada intenta construir um diálogo entre dois autores que, pelas dimensões e prolixidade de suas obras, constituem-se registros clássicos da sociologia e da literatura brasileiras. Sob esta preocupação fulcral, interessa saber em que medida um discurso literário específico – o romance regionalista de José Lins do Rego, elaborado na década de trinta do século passado – reverbera ou expressa influências advindas de um modelo de interpretação sociológica – o

---

nuinha no banho/ Fiquei parado o coração batendo/ Ela se riu/ Foi o meu primeiro alumbramento” (JUNQUEIRA, 1980, p.25).

*freyriano* – que começa a ser construído no início da década de vinte do mesmo século.

A preocupação em pesquisar as conexões da obra de José Lins do Rego com a de Gilberto Freyre emerge da leitura atenta de alguns dos seus principais textos. Esta leitura traz à superfície, evidenciando-as, algumas “afinidades eletivas” entre o romancista e o sociólogo.

Esta afinidade temática – pode-se levantar a hipótese – talvez expresse, pela via dos textos, a origem familiar, a posição social e a formação intelectual de ambos. Além de representar o desdobramento, em termos afetivos, da profunda amizade que os uniu desde os tempos – início dos anos 1920 – em que não passavam, intelectualmente, de promessas por concretizar.

A formação acadêmica do sociólogo, antropólogo e escritor pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987) é essencialmente construída em universidades norte-americanas e percorre o período de 1918 a 1923. É nesse espaço que vamos encontrá-lo – após concluir os estudos secundários no Colégio Americano Gilreath de Pernambuco – bacharelando-se em Artes Liberais, especializando-se em Ciências Políticas e Sociais na Universidade de Baylor e fazendo, em seguida, estudos de Pós-graduação em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais na Universidade de Colúmbia, Nova Iorque.

Ainda à distância, Gilberto Freyre vai iniciar sua pregação regionalista em artigos enviados ao *Diário de Pernambuco*, publicados na série *Da outra América* (AZEVEDO, 1996, p.26). Em 8 de março de 1923 volta ao Recife e dá início a uma intensa militância intelectual para a organização do movimento regionalista de defesa das tradições e dos valores locais. Em 1924, será um dos fundadores do Centro Regionalista do Nordeste que, em 1926, realizará o 1º Congresso Regionalista do Nordeste.

O escritor paraibano José Lins do Rego (1901-1957), oriundo de poderosa família patriarcal da várzea do Rio Paraíba – origens estas recorrentes em seus romances – então aluno da Faculdade de Direito do Recife, vai ser um dos primeiros a acolher positivamente a pregação regionalista *freyriana*.

Percebe-se, naquele momento, o entrelaçamento de dois projetos de renovação intelectual do país – o “modernismo” paulista e o “regionalismo” nordestino. Os dois jovens aspirantes à condição de escritor se

conheceram nesse contexto de efervescência cultural. Gilberto Freyre confessa, em *Tempo morto e outros tempos*, publicado em 1975, trazendo anotações feitas ainda na década de 20, o seu débito para com José Lins do Rego, por lhe haver apresentado a vários dos autores “novos”, citando, entre outros, Mário e Osvaldo de Andrade e Alceu Amoroso Lima. Nesse mesmo período, José Lins do Rego aprendia inglês, com Gilberto Freyre.

Estava iniciado o diálogo intelectual que o passar dos anos apenas aprofundaria. Definitivamente inscrito na memória de ambos, esse primeiro encontro será posto em relevo em cartas íntimas e em artigos para jornais. Mais tarde, já consagrados, lembrarão aquele alvorecer em seus significados afetivos, existenciais e intelectuais. Citemos alguns exemplos dessa rememoração. Primeiro, Gilberto Freyre:

Os dois – José Lins e eu – nos completamos em várias das atividades que desenvolvemos e em diversas das tendências que desde 1923 – o ano em que começou nossa amizade – exprimimos com maior ou menor gosto ou ênfase, conforme o temperamento de cada um. [...] Completamos através das influências que eu recebi dele e das que ele recebeu de mim. Sua vida e a minha tornaram-se, desde que nos conhecemos, duas vidas difíceis de ser consideradas à parte uma da outra, um complexo fraternamente simbiótico, de tal modo se interpenetraram, sem sacrifício do temperamento de um ao do outro (COUTINHO; CASTRO, 1991, p. 95-96).

Agora, José Lins do Rego:

Conheci Gilberto Freyre em 1923. Foi numa tarde de Recife, do nosso querido Recife, que nos encontramos, e de lá para cá a minha vida foi outra, foram outras as minhas preocupações, outros os meus planos, as minhas leituras, os meus entusiasmos. [...] Para mim tivera começo naquela



tarde de nosso encontro a minha existência literária. [...] Começou uma vida a agir sobre outra com tamanha intensidade, com tal força de compreensão, que eu me vi sem saber dissolvido, sem personalidade, tudo pensando por ele, tudo resolvendo, tudo construindo como ele fazia (FREYRE, 1968, p.21-22).

Detectadas as origens da relação intelectual (e pessoal) entre Gilberto e José Lins, algumas perguntas podem ser formuladas na tentativa de composição de um roteiro que possibilite o início da compreensão do diálogo.

Começemos por tentar surpreender em que medida esse encontro – tão sinceramente confessado pelos protagonistas nas citações aqui feitas – foi eternizado em ensaios e romances. Será possível perceber, nos textos, “uma vida a agir sobre outra”? Será José Lins a expressão literária da casa-grande e do mundo dos engenhos? E o “olhar senhorial” (REIS, 1999, p.65) que Gilberto Freyre lança sobre nossas raízes rurais e patriarcais, refletirá, ao nível do discurso antropológico-sociológico, as mesmas origens e concepções de mundo?

Outro ponto a indagar é quanto à presença, na obra de José Lins do Rego, das variáveis fundamentais atribuídas por Gilberto Freyre à sociedade tradicional brasileira: o patriarcalismo, o latifúndio, a presença da monocultura e do regime escravocrata. Como são operacionalizados estes conceitos no romance regionalista do autor paraibano? E, ainda, quais as “coincidências” expressas no tratamento conferido a conceitos como região, decadência, triângulo rural (casa-engenho-capela), entre outros?



FOTO 1 – José Lins do Rego e Gilberto Freyre. Rio de Janeiro-RJ, Brasil – 1936. Foto-postal

FONTE - Acervo da Fundação Gilberto Freyre. Recife- PE

A pesquisa foi conduzida pela vontade de identificar e fazer emergir as conexões entre o texto literário e o sociológico, tendo como matéria prima os dois registros autorais aqui propostos.

Trata-se, portanto, de construir diálogos entre textos. Neste sentido, a hipótese de trabalho é a de que a obra de José Lins do Rego – destacando-se, no seu interior, os romances do chamado ciclo da cana-de-açúcar,<sup>3</sup> que têm como temática central o mundo dos engenhos e da sociedade patriarcal nordestina – pode ser lida como a expressão ficcional do modelo de interpretação e de revisão da vida

---

3 A expressão *Ciclo da cana-de-açúcar* foi utilizada por José Lins do Rego, em 1936, em alusão aos seguintes romances: *Menino de engenho* (1932); *Doidinho* (1933); *Bangüê* (1934); *O moleque Ricardo* (1935) e, fechando o ciclo, *Usina* (1936) (REGO, 1993, xiii). Esta classificação e terminologia são bastante questionadas pelos estudiosos de sua obra como, por exemplo, José Aderaldo Castelo e Peregrino Júnior.

social brasileira – no âmbito do complexo casa-grande - senzala – construído por Gilberto Freyre.

Como comprovar a veracidade (ou não) desta proposição? Um bom caminho consiste em interpelar um conjunto de obras – selecionadas sob o critério aqui delineado – e, em seu interior, tentar surpreender os filtros ideológicos, condicionamentos sociais e temas sob os quais os intelectuais em foco viveram, conviveram e produziram seus textos. Em cada romance, ensaio ou correspondência pessoal, os autores serão “convidados” a estabelecer, pela via perene da palavra escrita, uma interlocução que faça emergir diferenças, similitudes e interseções. Dito de outra forma: serão lidos em conexão.

O trabalho aqui desenvolvido tem como núcleo a análise de textos. Sempre em construção, é um exercício, a exegese, que, quando bem conduzido, contribui para o desvelar dos mistérios dos textos e dos rostos dos autores envolvidos.

A pesquisa bibliográfica objetiva levantar conteúdos, temas e orientações seguidas pelos dois autores. De José Lins do Rego analisamos, sobretudo, os romances *Menino de Engenho* e *Bangüê*. Perceba-se o critério que norteou a escolha: são estes, certamente, os livros onde o nosso autor, misturando ficção e memória, aborda diretamente o cotidiano do mundo dos engenhos, desde a apresentação inicial do Engenho Santa Rosa, em sua fase áurea, até sua decadência, assinada pela morte de José Paulino e pela transferência do Santa Rosa das mãos de Carlos de Melo para o tio Juca.

De Gilberto Freyre, foram interpelados os textos que apresentam as matrizes teóricas e os temas centrais do seu regionalismo. Ei-los: *Vida social no Brasil nos meados do século XIX* (1922), o *Manifesto regionalista* (1926 -?), *Nordeste* (1937) e o ensaio *Aspectos de um século de transição no Nordeste do Brasil*, na versão publicada na coletânea *Região e tradição*, de 1941. Aliás, por sua relevância para a compreensão do regionalismo, esta coletânea será exaustivamente citada no capítulo 2 deste livro. Antecipamos aqui nosso pedido de compreensão aos leitores por essa recorrência, esperando que ela se justifique ao longo da própria exposição do assunto.

Evidentemente, não poderíamos deixar de utilizar, incidentalmente, os livros que compõem a sua *Introdução à história da sociedade*

*patriarcal no Brasil*,<sup>4</sup> como também a larga fortuna crítica que circunda os dois autores.

Outra fonte particularmente valiosa são as cartas. Gilberto Freyre e José Lins do Rego mantiveram uma intensa e prolixa correspondência, iniciada em 1924, e que se estendeu praticamente até a morte do romanista, em 1957. São, no total, 238 cartas. Destas, 116 foram escritas por Gilberto Freyre, enquanto que José Lins do Rego mandou-lhe 122.

Esse belo instrumento de pesquisa é parte do acervo do Museu José Lins do Rego da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (FUNESC). Contém valiosas informações, indo da política à reiteração da velha amizade; pesquisas e livros em andamento; muitos comentários sobre livros e autores; assuntos íntimos, relacionados a filhos e esposas; mudanças; questões financeiras. Podemos perceber, por exemplo, ao longo de várias cartas, a angústia de Gilberto Freyre com os atrasos nos pagamentos de direitos autorais sobre seus livros e artigos, estes publicados em jornais e revistas, chegando a pedir dinheiro emprestado ao amigo que, para a inveja dele, Gilberto, dispõe de “vastos dinheiros na Casa Vergara”.

Naquilo que nos interessa, algumas correspondências nos revelam algumas matrizes temáticas, em construção ainda, que aparecerão na obra madura de ambos. Serão interpeladas em seu devido momento.

Cartas são, em essência, documentos íntimos. Os interlocutores colocam-se, ao escrevê-las ou recebê-las, numa relação eivada de afeto, circundada pela privacidade. Em nome da confiança mútua, imperam o despojamento e a informalidade do tom. Segundo Gramsci (1986, p.66):

Há uma diferença de estilo entre os escritos dedicados ao público e os demais, como, por exemplo, entre as cartas e as obras literárias. Frequentemente, parece estarmos a tratar com dois escritores diversos, tão grande é a diferença. Nas cartas [...], nas memórias e geralmente em

---

4 Esta longa *Introdução* é composta pela trilogia *Casa-grande & senzala* (1933), *Sobrados e mucambos* (1936) e *Ordem e progresso* (1959).

todos os escritos dedicados a um público pequeno e a si mesmo, predomina a sobriedade, a simplicidade, a imediatividade, ao passo que nos demais escritos predomina a retórica, o estilo oratório, a hipocrisia estilística.

As cartas aqui perscrutadas representam, portanto, um momento importante “do diálogo entre companheiros de ofício” (LIMA; FIGUEIREDO, 1997, p.15). Custaram-me 15 visitas ao Museu José Lins do Rego, em João Pessoa.

As de Gilberto Freyre – todas no papel em que foram originalmente escritas – tive que transcrevê-las, o que demandou paciência ante o estado de algumas delas, praticamente ilegíveis, efeito inexorável da ação do tempo. São documentos, alguns, escritos há mais de oitenta anos.

As de José Lins do Rego – em verdade, reproduções cedidas ao Museu pela Fundação Gilberto Freyre, Recife – me foi permitido fazer cópias das cópias. Pude, assim, lê-las em casa, de acordo com meu próprio ritmo. E foi aí que surgiu um obstáculo quase intransponível: a letra de José Lins do Rego. Mais correto seria dizer “hieróglifos”. A caligrafia deste escritor representa, com efeito, um desafio à paciência e sanidade mental dos seus eventuais leitores. É quase impossível decifrá-la. O que consegui, tratei de registrar logo no computador. Fico a imaginar como deve ter sido estafante para João Conde ou Valdemar Cavalcante, amigos fiéis, o trabalho de “traduzir” e tornar inteligíveis os garranchos impenetráveis, a partir dos cadernos escolares onde, à mão, José Lins escreveu todos os seus livros. Na expressão de Valdemar Cavalcante, os manuscritos de Zé Lins eram “quase indecifráveis”. E, no entanto, muito revelaram sobre o mundo dos engenhos e das casas-grandes e sobre o próprio autor, como poder ser percebido no fragmento a seguir:

Entre José Lins do Rego, como figura humana, e José Lins do Rego, como escritor, havia uma concordância perfeita. Ele pertencia a um tipo de homem de letras que se transfere integralmente para os seus escritos. A palavra que deixava no papel, com a ponta da pena, era a palavra que lhe

saía da boca, no seu modo natural de exprimir-se (MONTELLO, 1987, p.14).

Este livro estrutura-se em torno de quatro capítulos. O primeiro, conceitual, arrisca algumas reflexões acerca da relação entre literatura e sociedade e em torno da validade, já implícita na própria concepção do trabalho, do uso de uma fonte, a literária, que, ainda que verossímil, desfruta, em sua economia interna, de relativa autonomia estabelecendo, neste movimento, uma relação tensa e dinâmica com o meio externo, circundante. O lastro teórico nos é proporcionado por Antonio Candido e sua concepção de literatura enquanto sistema. Este capítulo traz, ainda, uma leitura dos significados político-ideológicos da obra de Gilberto, centrada em torno de seu ponto de vista “senhorial” da cultura brasileira. O realce aqui é uma noção basilar e emblemática da obra do sociólogo pernambucano, o conceito de “equilíbrio de antagonismos”. Para o enquadramento dos seus desdobramentos políticos, revelou-se ainda válida a noção *gramsciana* de intelectual orgânico.

No capítulo 2, vamos às origens, tentar surpreender o conteúdo do regionalismo *freyriano* onde ele foi pioneiramente inscrito, elaborado e apresentado, começando por sua pesquisa de mestrado, escrita originalmente em inglês e publicada em 1922, com o título de *Social life in Brazil in the middle of the 19th century*. Em 1964 esse trabalho inicial será traduzido por Waldemar Valente e publicado pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, atual Fundação Joaquim Nabuco, com sede em Recife- PE. Seu título em português: *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*.

Outros textos fundantes aparecem na coletânea de ensaios *Região e tradição*, e, claro, no *Manifesto regionalista*, e em *Nordeste*. Não poderíamos, neste ponto, obliterar o desmonte crítico desse ideário, inserto num conjunto de ensaios – todos de alto nível – que, interpelando-o em seus conteúdos conservadores, apresentam-no como expressão mítico-nostálgica de uma sociabilidade em crise.

Detectados conteúdos e temas, bem como o substancial de sua larga fortuna crítica, mãos às obras: é chegado o momento, neste que será o terceiro capítulo, de surpreendê-los na correspondência entre os dois autores e, no quarto capítulo, nas páginas dos romances de

José Lins do Rego já assinalados. Como são, aí, operacionalizados? Eis a pergunta fulcral, de cuja resposta dependerão o grau de consistência e a substância do diálogo que se busca estabelecer e que é, com efeito, o objetivo precípua deste estudo. Nas considerações finais, faremos uma breve incursão sobre os sentidos e significados da amizade na obra dos autores.

Com a palavra os leitores – pois eles sempre aparecem sempre que um livro aparece – que haverão de julgar, ao cabo, quem tinha razão: o ceticismo do autor quanto à conveniência da sua publicação, ou a generosidade da professora Elizabeth Christina acompanhada da convivência e beneplácito do Conselho Editorial.

Não dá pra esquecer: este texto é profundamente marcado pela memória de Rosilda Nunes Dantas, que acompanhou todos os passos de sua elaboração. Algumas de suas páginas nasceram na solidão de um quarto de uma clínica psiquiátrica, tendo por testemunhas, ela e eu, na respectiva e igualmente sombria condição de “paciente” e “acompanhante”: ambos desesperadamente buscando o reencontro com as luzes.

Rosilda nos deixou em 27 de novembro de 2008. Quanta saudade! Minha e de Hélder e de Tomás e de Miguel (nossos filhos), que ficamos por aqui exercitando os fragmentos da memória familiar da “mainha”, da “poposa”, “Dinha”, tão frágil e amada na fragilidade; tão forte e tão dona de nós quatro que, ao ir embora, nos deixou a todos perplexos, imersos na mais dilacerante tristeza e vagando no abandono.